

- GESTÃO EMPRESARIAL - O CONCEITO AMPLO DE RACIONALIDADE

Jorge de Araújo Ichihara, M.Eng., D.Eng.
Consultor da ClassConsulting

RESUMO

Este artigo discute a importância do conceito abrangente de Racionalidade, aquele que a divide em substantiva e funcional. Utiliza para isso, conceitos da Teoria das Organizações e da Teoria Substantiva da Vida Humana Associada, de Alberto Guerreiro Ramos, sociólogo.

INTRODUÇÃO

Nos séculos anteriores, o conceito de inteligência como inovação, criatividade e capacidade de criar formas e usos inesperados, foi tratado como um pária no mundo da produção. Supervalorizavam-se apenas os conceitos de eficiência e produtividade.

Hoje, no mundo de economia globalizada, de informatização do trabalho e ambientes de consumo cada vez mais iguais, a vantagem trazida pela produtividade e pela eficiência não é mais suficiente; é necessário acrescentar inteligência.

Não basta reciclar permanentemente os profissionais e dar-lhes uma educação contínua que os torne aptos a compreender os passos do próprio trabalho: é preciso investir nas suas capacidades latentes.

O conceito de Racionalidade em seu sentido amplo, constitui atualmente um dos principais conceitos da Teoria das Organizações, coerentemente com a nova realidade empresarial. Segundo Alberto Guerreiro Ramos, a razão é o conceito básico de qualquer ciência da sociedade e das organizações.

A VIDA MENTAL DO TRABALHADOR TAYLORIZADO

Christophe Dejours, em sua análise da Psicopatologia do Trabalho, propõe a seguinte hipótese: “a Organização do Trabalho e, em particular, sua caricatura no sistema Taylorista e na produção por peças é capaz de neutralizar completamente a vida mental durante o trabalho”.

Nas empresas onde prevalecem os princípios tayloristas de produção, a maioria das tarefas que os trabalhadores executam, mesmo as mais desqualificadas, apresentam exploração que atinge também o seu aparelho mental. Sob esse domínio, a erosão da vida mental do trabalhador é útil para a implantação de um comportamento condicionado favorável à produção.

Ainda segundo Dejours, quando a relação do trabalhador com a Organização do Trabalho é favorável, é porque pelo menos uma das duas condições seguintes é realizada:

- As exigências intelectuais, motoras ou psicossociais da tarefa estão especificamente de acordo com as necessidades do trabalhador considerado, de tal maneira que o simples exercício da tarefa está na origem de uma descarga e de um prazer de funcionar.
- O conteúdo do trabalho é fonte de uma satisfação sublimatória: situação que, a bem dizer, é rara em comparação com a maioria das tarefas, encontrada em circunstâncias privilegiadas, onde a concepção do conteúdo, do ritmo de trabalho e do modo operatório é, em parte, deixada ao trabalhador. Este pode, então, modificar a organização do seu trabalho conforme seu desejo ou suas necessidades.

Cabe ao administrador inserido nas percepções do novo século devolver ao trabalhador o controle das variáveis das suas tarefas, como solução para os problemas mentais e psicossomáticos. Mas, implícita nessa idéia de devolução, está também a consideração da Racionalidade Substantiva, aquela que devolve o juízo de valor ao trabalhador.

O RESPALDO NA TEORIA DAS ORGANIZAÇÕES

A presente Teoria das Organizações, não tem a clara compreensão do papel da interação simbólica no conjunto dos relacionamentos interpessoais, e se apoia numa visão mecanomórfica da atividade produtiva do homem, e isso fica patente através de sua incapacidade em distinguir trabalho de ocupação. Desta forma, prevalece uma abordagem reducionista do desenho dos sistemas sociais.

Por mais de dois séculos, o restrito alcance teórico da moderna ciência social, têm sido a causa do seu sucesso operacional e prático. Mas hoje, a expansão do mercado atingiu um ponto de rendimentos decrescentes, em termos de bem-estar humano que força sua reavaliação.

Portanto, a teoria dominante das organizações não oferece ainda o respaldo suficiente para a vida mental saudável do trabalhador no seu ambiente de trabalho.

A DISTORÇÃO DE PALAVRAS E CONCEITOS

Uma das teses principais de Ramos, é a de que a sociedade moderna tem demonstrado uma grande capacidade em absorver e distorcer palavras e conceitos, cujo significado original se chocaria com o seu processo de auto-

sustentação. Os padrões de mercado modelaram a sociedade como um todo, enquanto suas instituições adquiriram força de paradigma.

A linguagem distorcida tornou-se normal, de forma que uma das maneiras de criticar essa sociedade, é descrever sua astúcia na utilização tendenciosa do vocabulário.

A razão é hoje uma capacidade que o indivíduo adquire “pelo esforço” e que o habilita a nada mais do que o “cálculo utilitário de conseqüências”. Este conceito é incorreto, ou no mínimo incompleto, quando comparado ao conceito original clássico.

Ramos considera inaceitável este conceito de Racionalidade vigente, por suas implicações ideológicas em identificar o comportamento econômico como constituindo a totalidade da natureza humana. O fato de não distinguir o significado formal do significado substantivo, implica em esconder o fato de que a organização econômica formal é uma inovação institucional recente, e não pode ser considerada um paradigma.

A QUESTÃO DO VALOR NA SOCIEDADE ATUAL

Quando o indivíduo é definido como um ser puramente social, o raciocínio imediato é que sua vida lhe seja concedida como algo extrínseco. Desta forma, a ordem na sociedade só é possível na medida em que seus membros, com base no cálculo utilitário de conseqüências, regulam e limitam as próprias paixões, de modo a não ameaçarem os interesses práticos.

No sentido moderno, os valores humanos tornaram-se valores econômicos, pois a sociedade é o próprio mercado amplificado.

A RESTAURAÇÃO CONCEITUAL DA RACIONALIDADE POR ÉRIC VOEGELIN

Éric Voegelin considera os últimos cinco séculos da história ocidental como um período de “descarrilamento” (deformação da psique humana) e de deculturação da espécie humana, ao ponto de a exporem a um processo de sistemática confusão da razão.

Pode-se falar corretamente da Razão como uma realidade independente de nossa palavra. Qualquer tentativa de abordar a Razão como se ela fosse apenas um produto convencional da linguagem reflete um estado deformado da psique.

A Razão foi descoberta pelos filósofos místicos da Grécia, dando início ao processo de formação da alma humana. Com essa descoberta, a alma do homem teve acesso a um nível de auto-compreensão, no qual rompeu os limites da visão compacta da realidade articulada no mito.

No sentido antigo, razão era entendida como uma força ativa na psique humana, que habilitava o indivíduo a fazer distinções que ordenassem sua vida pessoal e social.

Platão e Aristóteles jamais consideraram, e nem poderiam, o mercado como o sistema primordial da sociedade e nunca pensaram que os requisitos psicológicos do mercado se transformassem nas normas de vida social em seu conjunto.

Voegelin tentou avaliar a razão moderna do ponto de vista do legado clássico do pensamento, mas sua contribuição pressupõe um caráter restaurador que ainda não está suficientemente qualificado.

RACIONALIDADE NA VISÃO DE MAX WEBER

Max Weber viveu em um contexto histórico em que a racionalidade funcional substituía amplamente a Racionalidade substantiva, como principal critério para a ordenação dos negócios políticos e sociais.

Contudo, Weber tentou qualificar a noção de Racionalidade. Embora tenha escrito sobre o mercado como a mais eficiente configuração para o fomento da capacidade produtiva de uma nação e para a escalada de seu processo de formação de capital, chocava-se com a maneira pela qual a sociedade fazia a reavaliação do significado de Racionalidade, sem no entanto confrontá-la.

A distinção que fez entre os tipos de Racionalidade, diz que a funcional (*Zweckrationalität*) é determinada por uma expectativa de resultados, ou “fins calculados”, enquanto que a Racionalidade substantiva (*Wertrationalität*) ou de valor, é determinada independentemente de suas expectativas de sucesso, e não caracteriza nenhuma ação humana interessada na consecução de um resultado ulterior a ela.

No entanto, na teoria burocrática está presente apenas a Racionalidade funcional, justamente por estar inserida no contexto de uma sociedade capitalista centrada no mercado.

RACIONALIDADE INSTRUMENTAL

A ação instrumental acha-se radicada por um lado nos resultados desejados e por outro nas convicções entre causa e efeito. Por causa de seu sucesso prático, a ciência social estabelecida tem se baseado na Racionalidade instrumental inerente à ciência social dominante no ocidente, moldada na aplicação das ciências naturais, que fomentaram o desenvolvimento tecnológico e economia das sociedades industriais características do sistema de mercado.

As ciências naturais do ocidente não se fundamentam numa forma analítica de pensamento, porque foram tomadas pelo imediatismo das aplicações, como a produtividade e a eficiência.

A Racionalidade instrumental é a do cálculo, ainda presente de forma absoluta na grande maioria das organizações, que são moldadas a partir da analogia com a máquina. Na Racionalidade funcional não se aprecia propriamente a qualidade intrínseca das ações, mas o seu maior ou menor concurso, numa série de outros, para atingir um fim pré-estabelecido, independente do conteúdo que possam ter as ações.

RACIONALIDADE SUBSTANTIVA

A razão substantiva é a do julgamento do valor, que fornecerá à sociedade a base para uma ciência social alternativa, em geral, e para uma nova ciência das organizações, em particular.

Herança dos pensadores clássicos, o debate racional, no sentido substantivo é que constitui a essência da forma política da vida, e também o requisito essencial para o suporte de qualquer bem regulada vida humana associada, em seu conjunto.

Segundo Ramos, “diz-se que é substancialmente racional todo ato intrinsecamente inteligente, que se baseia num conhecimento lúcido e autônomo de relações entre fatos. É um ato que atesta a transcendência do ser humano, sua qualidade de criatura dotada de razão. Aqui a razão, que preside ao ato, não é a sua integração positiva numa série sistemática de outros atos, mas o seu teor mesmo de acurácia intelectual. Esse é um ato de domínio de impulsos, sentimentos, emoções, preconceitos, e de outros fatores que perturbam a visão e o entendimento inteligente da realidade. De ordinário, a Racionalidade substancial é estreitamente relacionada com a preocupação em resguardar a liberdade”.

Ramos lançou os pressupostos fundamentais de um modelo alternativo, por ele denominado de Teoria Substantiva da Vida Humana Associada, em contraposição ao modelo contemporâneo de ciência social. Esses pressupostos são derivados do exercício de um senso da realidade comum a todos os indivíduos, em todos os tempos e em todos os lugares; A teoria clássica em sua obra, é utilizada para fazer a distinção entre os dois tipos de Racionalidade. Há uma herança de pensamento humano que transcende a teoria clássica em seu mais restrito senso, e que está ativa e operante nas mentes de vários estudiosos contemporâneos, sensíveis ao caráter precário da idade moderna.

DIFERENÇA ENTRE A RACIONALIDADE FUNCIONAL E A SUBSTANTIVA, SEGUNDO CHESTER BARNARD

Este pensamento, de Barnard, tornado conhecido em 1938, delimita claramente a diferença entre os dois tipos de Racionalidade: “Os indivíduos vinculados a qualquer sistema cooperativo têm com ele uma relação dual - a relação funcional ou interna, que pode ser mais ou menos intermitente; e a relação individual ou externa, que é contínua, não-intermitente. No primeiro aspecto, algumas das atividades da pessoa são meramente parte de um sistema não-pessoal de atividades; no segundo aspecto, o indivíduo é estranho (*outside*), isolado ou oposto ao sistema cooperativo”.

CONCLUSÃO

Uma organização pensada sobre o desenvolvimento de qualidades humanas como a criatividade, a inovação e o autocontrole, conduziria a um alto ativo de conhecimento, que representaria uma poderosa fonte de competitividade; e

esta tentaria sempre evitar diminuições no que seria a sua maior característica. Por este prisma, a própria estabilidade no emprego passa a ser meta dos empresários, mais do que dos sindicatos.

A qualidade de um produto ou serviço é obtida quando todos os recursos necessários à sua geração otimizam sua participação. Ou seja, quando não há qualquer restrição à participação e à ação de qualquer um deles. O ser humano é um desses recursos, e possui características exclusivas: capacidade de pensar, imaginar, julgar e decidir. Quando se busca motivar um indivíduo, tenta-se na verdade considerá-lo em todas as suas potencialidades e não apenas em sua parte física.

A fim de salvar o que na ciência social dominante é correto, é necessário compreender o caráter precário de seus principais pressupostos, a saber, que o ser humano não é senão uma criatura capaz do cálculo unitário de conseqüências e o mercado o modelo de acordo com o qual sua vida associada deveria organizar-se.

Nesse contexto, discute-se no mundo o valor das organizações mecânicas geradas pela burocracia: os desafios do nosso tempo requerem organizações vívidas e inteligentes. A criatividade e a ligação com os outros exigem relacionamentos sólidos, responsabilidade pessoal e pensamento e ações flexíveis. Assim, observa-se que quando as regras da burocracia bloqueiam a inovação e a dedicação, estão também bloqueando a essência do homem moderno.

Hoje, empresas de vanguarda pedem aos empregados que considerem o todo, que sejam inovadores e se preocupem com clientes, que trabalhem em equipes e que determinem seus próprios serviços e os coordenem com os demais, em vez de somente obedecerem ordens. Os empregados dessas empresas se valem continuamente de sua formação, de sua experiência e de sua inteligência inata para tomar as decisões que orientam o seu trabalho.

Torna-se imprescindível atualmente a consideração do conceito amplo de Racionalidade. Mas, essa consideração precisa ser muito bem elaborada e contextualizada, posto que não seria conveniente de repente exigir em uma organização tradicionalista, que o trabalhador pense, crie e julgue seu trabalho, que tenha novas responsabilidades, sem que haja a necessária preparação mental.